



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Le Monde

Paris-França, 06 de julho de 2009

Jornalista: Bom, Presidente, primeiro, muitíssimo obrigado por dar esta segunda entrevista ao jornal Le Monde. Nós tivemos o prazer de entrevistá-lo. Eu estava com uma colega que, à época, era redatora-chefe, (incompreensível). A entrevista foi no Planalto, em 2006. Desta vez, obviamente, queremos começar com os temas de atualidade e aqueles que o trouxeram aqui à França.

A primeira pergunta seria saber em que medida o senhor está satisfeito com a resposta da comunidade internacional à crise mundial.

Presidente: Olhe, eu estou satisfeito pelo andamento e o comportamento dos países com relação à crise mundial. Cada país está fazendo, dentro do seu país, aquilo que cada um entende que seja melhor para resolver o problema da sua crise interna. O mais importante é que o crédito, que tinha desaparecido, começa a voltar, e isso é importante porque sem crédito não há dinamismo na economia. Nós passamos vários meses em que você não tinha nem crédito para financiamento das empresas e nem crédito para financiar as exportações. No caso do Brasil, nós tomamos medidas de colocar uma parte das nossas reservas à disposição do financiamento das nossas exportações, o que foi uma medida extremamente importante.

A crise, ainda não se sabe o tamanho dela toda porque os títulos podres ainda não estão sequer contabilizados. Esta semana me preocupou saber que os Estados Unidos tiveram mais de 700 mil desempregos no mês, ou seja, isso demonstra que ainda tem rescaldo dessa crise, que não sabemos aonde vai parar.



Mas, do ponto de vista do Brasil, o que eu posso dizer é que a economia voltou a dar sinais importantes de crescimento. Não é para que a gente tenha nenhum otimismo exagerado, mas é para a gente trabalhar com a certeza de que as medidas que nós tomamos estão dando certo, seja na área do comércio, seja na área da indústria. Onde nós ainda estamos fragilizados é no setor de exportação, porque se as grandes economias diminuíram as importações, você não tem como vender se você não tem comprador. Por isso que nós torcemos muito rapidamente para as outras economias voltarem à normalidade e, conseqüentemente, isso vai beneficiar os países emergentes e vai beneficiar os países mais pobres.

No caso do Brasil, ainda assim, nós temos uma pequena vantagem se comparado a alguns outros países, ou seja, a nossa balança comercial não é dependente apenas de um bloco ou de um país, ela está muito diversificada, e a nossa balança comercial representa 13% do PIB, ou seja, não é uma coisa em que a economia brasileira é dependente das exportações. E também porque nós temos um mercado interno razoável, ou seja, na medida em que tomamos decisões de fortalecer o mercado interno brasileiro – e países grandes como a China também tomou, países grandes como a Índia também tomou – a gente percebe que nesses países a crise é menos acentuada do que nos países ricos. Não é que isso é importante, porque o que eu quero é que os países ricos se recuperem o mais rapidamente possível, comecem a gerar emprego, comecem a consumir para que a produção dos países emergentes e dos países pobres comece a fluir também no mercado internacional.

Acho que as medidas tomadas no G-20, em Londres, foram sinais importantes para a economia mundial, ou seja, você flexibilizar a ação do Fundo Monetário Internacional e, ao mesmo tempo, você colocar mais dinheiro no Fundo Monetário e colocar mais dinheiro do Banco Mundial, com a premissa de que esse recurso ajuda os países mais pobres a ter os empréstimos sem as condicionalidades que habitualmente eram impostas aos países pobres. Então



eu acho que as medidas estão indo bem, estão indo corretamente, em uns países mais do que em outros.

Nós afirmávamos logo no começo da crise que nós íamos utilizar o mercado interno para não sofrer a virulência da crise e tomamos todas as medidas, ou seja, hoje a indústria automobilística brasileira bate recordes de produção e de venda, hoje a indústria de geladeiras, de fogões, de máquinas bate recorde de vendas, o comércio varejista está crescendo, o material de construção civil está crescendo, a indústria da construção está crescendo. De forma que eu penso que nós vamos terminar o ano de 2009 em uma política de ascensão, em uma projeção de ascensão para crescermos, razoavelmente, em 2010. Eu peço a Deus que isso aconteça com os outros países, também, sobretudo a Europa e os Estados Unidos.

Jornalista: Senhor Presidente, na lógica que o senhor acaba de declarar, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Na França temos noção da importância da economia brasileira e das economias emergentes por ocasião dessa crise. A primeira pergunta é a seguinte: o senhor está satisfeito com o papel, com o lugar que lhe é reservado dentro do G-20?

Segunda pergunta: o senhor deseja que o Brasil tenha um papel mais importante no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial? Porque... Será que o senhor não pensa que chegou a hora, é chegada a hora, de institucionalizar o G-20 para, substituindo o G-8 de maneira formal, do modo como se fosse um fórum informal, (incompreensível) diante das decisões que são apenas opinativas ou se são decisões a serem implementadas.

Presidente: Olhe, eu acho que o fato de o Brasil estar sendo convidado desde 2003, quando nós fomos a Evian participar do G-8, foi uma demonstração de que os países ricos começaram a notar que não era possível mais discutir temas econômicos, temas importantes, sem levar em conta as economias emergentes, sobretudo sem levar em conta China, Índia, Brasil, África do Sul,



México e outros países. Só que esse é um fato novo e o primeiro presidente a nos convidar foi o presidente Chirac, que a partir daí começou a defender, já naquele momento, a ideia de que o G-8 não poderia mais continuar funcionando como estava. Depois nós tivemos reunião nos Estados Unidos, (incompreensível) convidados, depois nós tivemos em Berlim, tivemos no Reino Unido, depois tivemos em Berlim, e em Berlim nós discutimos que não era possível que os países emergentes fossem convidados apenas para tomar café, que era o café mais caro do mundo e que, portanto, era preciso mudar, sabe, a participação dos Brics. Veja, o que acontecia até então: o G-8 se reunia, tomava as decisões e nós éramos convidados para uma fotografia.

Em Berlim aconteceu até uma coisa importante, porque os documentos aprovados no G-8 eram contraditórios com o documento apresentado pelo G-5. E quando eu entreguei o documento, a Angela Merkel aceitou o documento, ela pegou o documento e disse que o documento era importante. Eu falei: mas é contraditório (incompreensível). Eu tinha tomado a decisão de não ir ao Japão para... Depois houve várias gestões e se aprimorou a participação do G-5, no Japão. Já houve mais mesas de discussão. Bem, e agora na Itália já está mais consolidada e ampliada a participação em todos os temas importantes no G-5.

Obviamente que o G-20 que discutiu a crise financeira é uma coisa mais importante do que o G-8. Porque é mais plural, tem mais respeitabilidade e está mais próximo da realidade da crise que estamos vivendo.

Eu acho que a importância do Brasil, ela vai acontecendo na medida em que a gente vai fazendo as propostas que sejam pertinentes para enfrentar a situação. Ou seja, acho que o G-20 foi a primeira reunião que eu participei em que não tinha ninguém superior a ninguém. Ou seja, todo mundo estava muito humilde porque muita gente estava com dificuldade de lidar com uma crise econômica. Foi a primeira reunião em que as pessoas não sabiam de tudo. E para mim foi uma grande novidade saber que o FMI, saber que o Banco Mundial, quando as crises eram nos países pobres, nos anos 90, eles tinham



todas as certezas do mundo, tinham todas as soluções, e na crise dos ricos eles não tinham nem proposta e nem solução. Nós estávamos mais humildes naquela reunião, então foi possível que a discussão fosse mais serena, mais objetiva, e nós aprovamos coisas importantes, por exemplo, uma fiscalização nos paraísos fiscais, uma democratização do FMI, mais aporte de recursos para as instituições multilaterais de financiamento. Isso foram coisas importantes, e elas vão acontecer, vão se consolidar nesses próximos tempos.

Eu penso que o FMI e o Banco Mundial têm um papel mais importante para fazer a partir de agora. É preciso que haja aporte de capitais para os países pobres sem as condicionalidades que eles impunham ao (incompreensível). O empréstimo a um país pobre significava amordaçar o país pobre, e os bancos passavam a ter ingerência na economia daquele país e nas decisões dos governos. Assim não funcionou, e daqui para a frente o empréstimo tem que ser um empréstimo comum, sem condicionalidades, para que os países possam ter a soberania de decidir o que vão fazer com o empréstimo.

Eu, particularmente, acho que não existe mais nenhuma razão de ter (incompreensível). Pode ter para discutir outros assuntos, mas quando se tratar de discutir coisas que impliquem o envolvimento dos foros bilaterais, acho que hoje é impossível não levar em conta a existência dos Brics, é impossível não levar em conta a importância de um país como a Indonésia, não levar em conta países como a África do Sul, como o México, como o Brasil, países do Mundo Árabe. Eu penso que quanto mais representativos forem os foros, mais chance nós temos de fazer com que as coisas aconteçam.

Jornalista: (incompreensível) não vai ser como antes, não vamos voltar ao que era antes. Eu tenho essa sensação que as regras, as regras que vão, agora... vão ter novas regras para a globalização. Às vezes temos a impressão que, a crise de crédito superada, vamos voltar (incompreensível), vamos fabricar outra



bolha.

Presidente: Esse é o desafio. É não permitir que o G-20 tenha funcionado como um cirurgião convocado para apenas uma cirurgia. Ou seja, esse seu temor é o meu temor de que alguns países ricos queiram que o G-20 funcione apenas para resolver os problemas dessa crise. Eu acho que ele precisa funcionar de forma permanente, sobretudo para discutir as questões econômicas. E que não apenas um foro dos presidentes, é preciso ter foro dos ministros da Fazenda, dos Bancos Centrais, dos ministros das Relações Exteriores, para que ele venha a se consolidar.

Jornalista: Em nível de G-20?

Presidente: Isso, nível de G-20. Até que a gente consiga aprovar a reforma nas Nações Unidas, que ela esteja altamente representada, e que até essas discussões econômicas possam ser coordenadas pelas Nações Unidas. Porque é preciso também ouvir os países pequenos, sabe, em se tratando da crise. Ou seja, a crise aconteceu nos países ricos, mas as vítimas maiores serão os países pobres e, sobretudo, os menores. Agora eu estou convencido que os dirigentes políticos de hoje precisam dar um salto de qualidade na sua atuação política. Ou seja, nós não podemos continuar cometendo os mesmos erros que se cometeu no século XX. Ou seja, a democracia está necessitando, sabe, de fóruns multilaterais cada vez mais fortes, sobretudo os fóruns de debate econômico.

Jornalista: O Presidente falava da África... O senhor esteve recentemente numa Cúpula da União Africana e aqui em Paris o senhor tem encontro marcado com o presidente Sarkozy. França e Brasil podem colaborar nesse terreno da África? Pode ser um dos terrenos onde a aliança estratégica, a



parceria estratégica entre a França e o Brasil tenha uma ação?

Presidente: Pode e nós torcemos para que isso aconteça. Ou seja, França e Brasil podem estabelecer parcerias de investimentos em terceiros países, para que a gente possa fazer o continente africano ser menos pobre do que ele é hoje. A França tem uma influência muito grande em vários países africanos. O Brasil tem uma relação extraordinária com quase todo o continente africano. Nós estamos neste momento na África com a nossa indústria de pesquisa, um centro de pesquisa, a Embrapa, pesquisando a savana africana para ver a capacidade produtiva dela, que muito parece com o cerrado brasileiro, portanto, há uma perspectiva enorme. Nós estamos com uma forte política de participação na área da saúde, na África. Estamos construindo uma fábrica de medicamentos em Maputo, e a França será um parceiro estupendo. Como é que eu acho que nós deveríamos trabalhar? Acho que nós deveríamos mapear os projetos importantes de desenvolvimento para os países africanos. E nesses projetos de desenvolvimento França e Brasil entrarem com a ajuda financeira e com a ajuda tecnológica. Ou seja, para que a gente crie a possibilidade de no século XXI a África não continuar sendo o continente mais pobre do Planeta. Acho que a democracia está se consolidando em todo o continente africano, e a gente não pode exigir mais da África, sabe, do que os africanos podem dar. Porque democracia pressupõe que as pessoas têm o direito a tomar café de manhã, almoçar, jantar, trabalhar, que as pessoas têm o direito de estudar e viver, que haja crescimento econômico e distribuição de renda. Exigir que os africanos tenham o mesmo comportamento de um francês ou de um brasileiro, passando as necessidades que eles passam, é exigir demais dos seres humanos. Então, se a gente quiser tranquilizar e ter paz e fortalecimento da democracia na África, isso está ligado ao crescimento econômico e à distribuição de renda naquele continente.

Eu sou muito otimista com relação à parceria estratégica que estamos



construindo com a França e fazendo investimentos em terceiros países.

Jornalista: (incompreensível), comércio internacional, está confiante no futuro do dólar?

Presidente: Olhe, eu penso que o dólar ainda será importante por muitas décadas. Você, mais do que eu, sabe que as discussões que se faz hoje no mundo, se você vai ter uma moeda para substituir o dólar, não é uma coisa simples de fazer. Agora, o que nós estamos propondo, no caso do Brasil? Estamos tentando construir, sabe, essa hipótese aqui nas nossas relações comerciais. Necessariamente, nós não temos que ficar subordinados ao dólar. Por exemplo: o Brasil com a Argentina tem um acordo de que as trocas comerciais comecem a ser feitas nas nossas moedas. Nós já conversamos com os Brics sobre isso, já conversamos individualmente com a China, nossos presidentes dos Bancos Centrais estão discutindo a possibilidade de você fazer um acordo com, por exemplo, a China e a nossa troca comercial ser paga em nossas moedas.

Então, esse é um processo que não é fácil. Porque, veja, mesmo na Argentina que nós já criamos, já temos o acordo, e quando nós fizemos o acordo a gente imaginava, sobretudo favorecer o pequeno e médio empresário brasileiro e argentino, que não tinha que correr ao Banco Central para comprar dólares. Mas as pessoas estão tão acostumadas a trabalhar com dólar, que vai levar um tempo até as pessoas perceberem que esse acordo é uma vantagem, que facilita a vida deles.

E eu penso que essa discussão está colocada na mesa, sobretudo a partir dessa crise. Ou seja, quando o mundo acordou um belo dia, depois da quebra do Lehman Brothers, e que se descobriu que não tinha crédito no mundo, que não tinha mais dinheiro para ninguém emprestar para ninguém, as pessoas se deram conta de que não é justo ficar dependente, tanto, de uma



moeda.

Bem, a partir dali, criar alternativas é um desafio para colocar (inaudível). Eu penso que a discussão começou e não tem mais volta.

Jornalista: Presidente, tem um tema em relação ao Brasil, no mundo inteiro, que preocupa muito a opinião. É a Amazônia. E apesar do que tem sido feito nesses últimos anos, muita gente acha que o senhor está mais preocupado com o desenvolvimento da Amazônia do que com a preservação da floresta.

Presidente: Olha, primeiro, tem muita gente que fala da Amazônia sem conhecer a Amazônia. E penso que no mundo não tem ninguém com mais autoridade para falar da Amazônia do que nós brasileiros. E o que nós queremos é levar em conta que na Amazônia moram 25 milhões de pessoas, e que essas pessoas têm o direito a ter o mesmo status social que tem qualquer ser humano no planeta Terra, elas têm direito a ter acesso a bens materiais, elas têm direito a trabalhar. O que nós estamos fazendo é a política mais correta que um país pode fazer. Nós estamos agora num processo de regularização fundiária para acabar com as terras clandestinas na Amazônia; nós estamos definindo o zoneamento agroecológico, sabe, da cana-de-açúcar, da soja, do dendê, e nós estamos trabalhando a certificação das nossas florestas para que as pessoas possam, com o manejo correto das florestas, as pessoas possam derrubar as árvores desde que reponham corretamente outra no lugar. Isso por que nós precisamos gerar emprego e desenvolvimento na Amazônia e é por isso que nós temos conseguido diminuir o desmatamento, e muito. Nós temos um pacto com os governadores da Amazônia. Lançamos um programa para a Amazônia, especificamente para a Amazônia. Chamamos os 36 prefeitos que mais desmatamento acontecia na sua cidade para pactuar com eles, ou seja, ao invés de ficar punindo os prefeitos, trazê-los para serem participantes junto com o governo federal. Nós temos que dar incentivo a esses



municípios para que eles percebam que o não-desmatamento é a possibilidade deles ganharem mais dinheiro. Os nossos agricultores estão se convencendo cada vez mais que a preservação da Amazônia é uma vantagem comparativa para os nossos produtos no exterior. Tudo isso está sendo feito. Portanto, o Brasil está cuidando da Amazônia corretamente. Agora... e vamos para Copenhague decidir a questão do clima muito bem preparados para dar informações a muita gente desinformada que fala da Amazônia. Eu lembro que na crise do alimento de 2008, a primeira coisa que falaram é que o aumento do alimento se dava pela cana-de-açúcar, pela produção de etanol no Brasil, ou seja, a que ponto chegou o desconhecimento sobre a realidade brasileira. O Brasil tem milhões de hectares de terras agricultáveis, a cana-de-açúcar ocupa apenas 1% dessa terra agricultável, nós temos mais terra degradada do que a terra utilizada para a cana-de-açúcar e nós estamos trabalhando para apresentar projetos para que a gente possa recuperar essas áreas (incompreensível) essas áreas degradadas, ou na produção de etanol ou numa política de florestamento adequada, porque ao Brasil interessa essa política de florestamento adequada, porque isso significa investimento de longo prazo para muita gente no Brasil.

E vamos continuar cuidando da Amazônia com o carinho que o Brasil tem pela Amazônia. O que nós queremos é que os outros países assumam a sua responsabilidade em vez de ficar apenas olhando a Amazônia. Ou seja, os países mais poluidores do mundo precisam começar a diminuir a emissão de gases do efeito estufa. Ou seja, as pessoas ficam olhando para a Amazônia, mas se esquecem da quantidade de emissão de gases efeito estufa que elas colocam no ar, todo santo dia. Essa discussão vai ser muito séria e eu espero que em Copenhague a gente tenha, sabe, uma definição de compromisso para cada país. Ou seja, quem tem que preservar, vai preservar. O continente africano tem ainda coisa para preservar, vai preservar. O Brasil vai preservar. Todos os países da América do Sul que têm território amazônico vão preservar.



Agora, é preciso que os países ricos cumpram com sua parte. Não é apenas achar que dando um dinheirinho para a Amazônia a gente vai deixar de fazer o que tem que ser feito lá, ou seja, é muito mais do que isso. É pararem de poluir o Planeta. Porque eu acho que neste século nós vamos começar a discutir, inclusive, o padrão de consumo da humanidade, se vai continuar assim, se vai melhorar, se os carros vão ser com combustível fóssil ou se vão ser com combustíveis limpos. E aí uma responsabilidade do mundo rico, sobretudo, mais do que do mundo pobre. Não tem como você exigir que um africano... eu vou pegar um exemplo mais drástico. Não tem como você pedir para um cidadão do Haiti não cortar uma árvore, se ele não tem gás, não tem nada para acender um fogo, ele vai ter que utilizar lenha. A única chance que nós temos de garantir que o Haiti possa ser reflorestado e viver como país menos destruído, é você desenvolver o Haiti. E aí é, outra vez, a responsabilidade dos países ricos. Ou seja, qual é participação do Brasil, da França, dos Estados Unidos, para que a gente possa desenvolver o Haiti e dar a eles condições de sobrevivência, sabe, compatível com a necessidade humana. Esse é o desafio.

Jornalista: O senhor sabe que o senhor tem um... desempenhou um papel na esquerda europeia, principalmente na França. O senhor era de esquerda, um homem de esquerda que aceita a globalização financeira, comercial, humana e etc. (incompreensível) estar na Presidência do Brasil, e eu gostaria de perguntar se o senhor tem o sentimento de ter sido fiel às suas convicções. (incompreensível) provar que um homem de esquerda podia (incompreensível) a globalização dos intercâmbios para promover o crescimento... um crescimento que permite reduzir as desigualdades? Por exemplo: o Lula foi fiel ao Lula?

Presidente: Eu tenho a convicção de que eu mantive tudo aquilo que eu pensava, sabe, quando cheguei ao governo. E tenho convicção de que



estamos realizando mais do que era previsível por qualquer setor de esquerda e qualquer partido (incompreensível). Porque a arte de governar... ela, de um lado, é mais difícil do que apenas a arte de fazer política, porque você está diante de casos concretos. Ou seja, eu posso fazer quantos discursos eu fizer no campo da política, eu posso teorizar tudo que eu quiser, mas na hora de governar, você governa em função do dinheiro que você tem, das possibilidades que você tem, com coisas muito concretas e objetivas. E, sobretudo, a arte de governar para um conjunto da sociedade, levando em conta as particularidades de cada segmento social, sem perder de vista as suas prioridades. Esse é um desafio muito importante. Ou seja, eu não criei a globalização, sabe, eu vivo a globalização porque ela foi imposta há muitas décadas. Mas, vamos ter em conta o seguinte: muitos dos que defenderam o Consenso de Washington, que defenderam o livre comércio, agora na crise começam a ser protecionistas, agora começam a não querer fazer o acordo da Rodada de Doha, na OMC.

Ora, como é possível você querer o mundo comercialmente mais justo, já que ele é globalizado, e não permitir que os produtos agrícolas dos países mais pobres adentrem os mercados mais ricos.

Como é possível os Estados Unidos produzirem etanol de milho, que custa três vezes mais do que o etanol da cana-de-açúcar e ainda utilizarem um alimento que serve para o ser humano e também para os animais.

Ou seja, o que nós estamos propondo, na verdade, é que governar depende de planejamento, depende de definição das prioridades (incompreensível), tanto de obras quanto do segmento social que você quer atender e depende, sobretudo, de você fazer um esforço imenso para que as metas estabelecidas sejam cumpridas.

Eu estou convencido de que na história do Brasil nunca houve nenhum momento de um governo que tenha a relação mais forte com o movimento social brasileiro. E não por cooptação, por participação. Ou seja, nós tínhamos



um movimento sindical de pensamento, de discutir com o movimento social intensamente... Grande parte das políticas adotadas pelo governo são políticas feitas pela sociedade. Ou seja, nós já fizemos no Brasil mais de 53 conferências nacionais, conferência de Saúde, de Educação, vamos ter a última, agora, de Comunicação. Mais difícil era a de Comunicação. Ou seja, vamos ter agora a Conferência Nacional de Segurança Pública.

Porque eu tenho a convicção de que eu estou de passagem, mas o povo é permanente. Então, a política não é para o governo Lula, a política não é para mim. A política é para a sociedade. Se é para a sociedade, por que ela não participar e ajudar (incompreensível)? Então, é assim que eu consigo governar na globalização, dando prioridade aos problemas brasileiros e, sobretudo, à parte mais pobre da população.

Jornalista: Por exemplo, exatamente aí, o senhor, de fato, conseguiu realizar uma reforma agrária tão ambiciosa como aquela que o senhor disse que ia fazer, pretendia fazer?

Jornalista: Completando a pergunta: porque um dos movimentos sociais que o senhor mencionou, o MST, reclama dizendo que não houve uma grande reforma agrária...

Presidente: Primeiro, vocês não podem confundir a reclamação da direção com o que está sendo feito. Eu vou lhe contar uma coisa. Vocês poderiam procurar na história, nos países do mundo, um governo que em sete anos desapropriou 43 milhões de hectares de terra. Segundo, nós saímos de 2 bilhões de financiamento da agricultura familiar para 15 bilhões, o que não é pouca coisa. E nós temos que trabalhar em duas frentes: de um lado, fazer a desapropriação e assentar as famílias (incompreensível) do campo. Do outro lado, é você fazer com que as famílias que já têm a propriedade, possam se



transformar em famílias produtivas. Então, fazer um forte investimento em pesquisa. Nós temos duas coisas no Brasil, hoje, extremamente importantes. Primeiro, nós, em seis anos, assentamos mais de 50% de tudo o que foi assentado na história do Brasil. Segundo, nós, quando veio a crise de alimentos, criamos um programa chamado Mais Alimentos, e esse programa prevê o financiamento de 60 mil tratores, 300 mil máquinas agrícolas, para aumentar a produção agrícola na agricultura familiar. Segundo, nós criamos uma coisa que eu acho a mais revolucionária de todas, que é o Territórios da Cidadania, em que nós mapeamos aproximadamente os 2 mil municípios mais pobres do Brasil, e nós estamos entrando, de uma única vez, [com] todas as políticas públicas do governo, envolvendo 19 Ministérios, para tornar essas cidades mais pobres menos pobres.

Certamente, houve momentos em que eu queria muito mais de mim mesmo. Eu, até 2002, tinha um discurso em que eu dizia que eu queria fazer reforma agrária ampla e radical sob o controle dos trabalhadores, e eu perdi três eleições. Aí, eu fui convencido, em 2002, por conta de uma pesquisa, que dizia que o povo queria reforma agrária tranquila e pacífica. Eu demorei muito tempo para que a minha boca pudesse falar “reforma agrária tranquila e pacífica”. É o que nós estamos fazendo no Brasil hoje, e eu penso que estamos num momento muito importante da agricultura familiar. Se você for conversar com os movimentos no Brasil, você pode ter gente que não concorda, mas, certamente, a maioria absoluta dos movimentos sabe que nós estamos fazendo quase o impossível para fazer com que as coisas funcionem bem no Brasil.

Jornalista: Presidente, qual é a sua avaliação, sua análise, do que aconteceu em Honduras? O que houve? O senhor acha que os Estados Unidos tiveram um papel positivo nessa crise na América Central?



Presidente: Primeiro, se a gente pudesse construir um monumento da imagem política do que aconteceu em Honduras, seria um monumento à insanidade, não é? Porque você tem um presidente eleito democraticamente, Honduras é um país que vivia, sabe, em uma tranquilidade enorme. Eu estive lá, visitando Honduras, a gente viu o presidente lá, muitas vezes. O Zelaya é um democrático, é um democrata, ou seja, não é proibido um Presidente da República querer uma reeleição, eu não vejo onde está a proibição. A Constituição proíbe, ou seja, o que ele estava se propondo era tentar mudar a Constituição. Você sabe que a do Brasil foi mudada, a do Brasil não tinha, depois teve, e não aconteceu nada. Lá não teve nem referendo, lá foi o Congresso que votou. De forma que não havia e não há nenhuma explicação para o golpe que aconteceu em Honduras. Eu tenho dúvidas até se a Suprema Corte poderia, sabe, tomar a decisão de não permitir que o Presidente afastasse o chefe do Estado Maior. Porque se ele é o chefe supremo das Forças Armadas, ele poderia afastar quem ele quisesse.

E nós não podemos aceitar, em hipótese alguma, na América Latina, qualquer chegada ao poder pela via do golpe. Acho que a OEA tomou todas as decisões que tinha que tomar, com a participação do Brasil e de todos os países da América do Sul. Essas decisões foram tomadas ontem, nós temos que esperar que aqui haja uma maturação e que Honduras volte à normalidade, permitindo que o Presidente volte, governe o País e convoque as eleições. É o mínimo que a gente espera que aconteça em Honduras.

O papel dos Estados Unidos foi importante, ou seja, os Estados Unidos tomaram uma decisão conjunta conosco na OEA, e eu acho que isso é um avanço extraordinário, porque não há nenhum país da América Latina que concorde com o golpe, não há nenhum país da América Latina. E eu acho que isso é um exemplo de que os golpistas têm que se afastar e permitir a volta do presidente Zelaya.



Jornalista: Uma última pergunta. O senhor não lamenta que a Europa não esteja unida? O senhor não desejaria ter um interlocutor na Europa mais unida em vez de ter que tratar, lidar com esta quantidade de interlocutores?

Presidente: É difícil imaginar ter um interlocutor único na Europa, quando quem tem força na Europa são os governos nacionais. Você pode ter um representante da União Europeia, mas a soberania da França é intocável, a da Alemanha é intocável. Então, nós temos que negociar com a União Europeia naquilo que for possível negociar com a União Europeia e negociar com os países, porque nós não podemos prescindir da nossa relação estratégica com a França, nós não podemos prescindir da relação estratégica que queremos fazer com a União Europeia também. Então, eu penso que é muito difícil, é muito difícil que os países abram mão das suas soberanias para dar o poder a outras pessoas para negociar. Em algumas coisas, sim, mas nos mais importantes, cada país vai negociar individualmente. Nós estamos tentando criar a Unasul, o que é uma coisa extremamente importante e também muito difícil de fazer. Eu constatei agora que, do ponto de vista organizativo, a África está à nossa frente. Eles já têm mais estrutura do que nós, da América do Sul, eles já têm mais estrutura do que nós. Eles já têm banco há muito tempo, eles têm foros para resolver as divergências deles, e nós ainda não temos. Por quê? Porque durante muitos anos, nós fomos colonizados e ficávamos imaginando o que iam fazer os Estados Unidos, o que ia fazer a União Europeia, e agora nós estamos tomando as decisões. Já estamos criando o Conselho de Defesa Sul-Americano, o Conselho Sul-Americano de Combate às Drogas. Estamos evoluindo. Agora, no ano que vem vamos ter a primeira eleição direta para o Mercosul. Aos poucos nós estamos avançando.

(\$31DHJMQ)